

**PERFIL DAS USUÁRIAS DE ANTICONCEPCIONAL ORAL NA UNIVERSIDADE
SÃO FRANCISCO CAMPUS DE BRAGANÇA PAULISTA-SP**

Juliana Cenciani Barbosa¹, Rafael Martins Oliveira², Fernanda Marconi Roversi².

¹Universidade São Francisco, Bragança Paulista, São Paulo, Brazil

²Docente da Universidade São Francisco, Bragança Paulista, São Paulo, Brazil

²Hemocentro- UNICAMP, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia do Sangue, Campinas, São Paulo, Brazil

Autor correspondente: Juliana Cenciani Barbosa

R: João Piccioni nº 10 A

Pedra Bela, São Paulo, Brasil

CEP: 12990-000

E-mail: juliana.cenciani@gmail.com

RESUMO

Introdução: os anticoncepcionais são fármacos utilizados como método contraceptivo hormonal, contendo os esteroides (associados ou isolados) estrógeno e progesterona. As funções do anticoncepcional são inibir o amadurecimento dos óvulos, diminuir o fluxo menstrual e amenizar os sintomas da tensão pré-menstrual além do tratamento do ovário policístico e de acne da pele. A administração correta bem como a análise de possíveis interações medicamentosas é muito importante para que não ocorra uma diminuição do efeito contraceptivo. **Objetivo:** identificar o perfil sociodemográfico das alunas e funcionárias da Universidade São Francisco que fazem a administração de anticoncepcionais e analisar as principais indicações e motivos para o seu uso bem como o conhecimento das participantes sobre a maneira adequada de administração do fármaco e possíveis interações medicamentosas. **Materiais e métodos:** foi realizado um estudo descritivo com amostragem de 112 estudantes e funcionárias do gênero feminino da Universidade São Francisco, campus de Bragança Paulista. Os dados foram coletados através de questionários com consequente análise de dados. **Resultados/Discussão:** a maioria da população que faz uso dos anticoncepcionais oral (94,64%) estava na faixa etária entre 18 e 23 anos. Grande parte das entrevistadas não administrava o medicamento de forma correta, seja pela irregularidade diária ou horário adequado, comprometendo sua eficácia. Quanto ao uso de outros métodos contraceptivos associados ao anticoncepcional oral, observou-se que menos da metade das entrevistadas utiliza métodos de barreira associados aos anticoncepcionais estando, assim, expostas a infecções sexualmente transmissíveis. **Conclusão:** a conscientização através de campanhas, principalmente em ambientes universitários, do uso correto dos anticoncepcionais é necessária bem como o incentivo da utilização de contraceptivos de barreira associados a pílula, a fim de diminuir ou impedir o contágio de infecções sexualmente transmissíveis.

Palavras-chave: Métodos contraceptivos, anticoncepcionais hormonais, eficácia, interações medicamentosa.

ABSTRACT

Background: The contraceptives are drugs used as a hormonal contraceptive method, containing steroids (associated or isolated), estrogen and progesterone. Contraceptives are recommended to inhibit ovules maturation, to reduce the menstrual flow, to ameliorate the pre-menstrual tension symptoms besides to treat polycystic ovary and skin acnes. The correct administration as well the analysis of possible drug interactions are very important in order to ensure adequate efficacy and safety. **Objective:** this study intends to identify the use of contraceptive methods, mainly hormonal contraceptive, among the students and employees of Universidade São Francisco and describe their profile concerning social and demographic characteristics, the indication and reason for their using and the participant's knowledge about the right way of the drug administration. **Materials and methods:** a questionnaire was used and the sample was composed by 112 female students from the Universidade São Francisco. **Results/Discussion:** the mean age range from 18 and 23. Most of them reported they used some type of hormonal contraceptive (pill or injection) without any association with other contraceptive methods, increasing the change to be susceptible to sexually transmitted diseases. It could be observed that these students forget to take the pills someday and used with punctuality irregularity, compromising its the drug efficacy. **Conclusion:** efforts to increase awareness and motivation, mainly in university surroundings, for proper contraceptive by students is required as well as the encouragement of associated the use of pills with order contraceptive method to reduce or prevent the transmission of sexually transmitted infections.

Key words: Contraceptive methods, hormonal contraceptives, efficacy, drug interactions.

INTRODUÇÃO

A anticoncepção corresponde ao conjunto de métodos contraceptivos utilizados para prevenir ou evitar gestações não desejadas nas relações sexuais. Esse termo foi mencionado na bíblia, no antigo testamento e tem acompanhado a história da humanidade, desde seus primórdios (POLI, 2006).

Ao fazer uso de qualquer método contraceptivo, ocorre o chamado Planejamento Familiar, caracterizado pelo “conjunto de ações de regulação da fecundidade que garanta direitos iguais de constituição, limitação ou aumento de prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal” (BRASIL, 1997). O Planejamento Familiar é priorizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como instrumento de grande impacto na saúde das populações (WHO, 2000¹ *apud* DIAS-DA-COSTA *et al.*, 2002) e garantido pela Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1997). Contudo, apesar da grande gama de métodos oferecidos, no Brasil, a prática o planejamento familiar é apoiada quase que excepcionalmente em dois métodos, sendo eles a ligadura tubária e a pílula anticoncepcional (BAHAMONDES, 2006).

A pílula anticoncepcional, criada no início da década de 60, foi a maior responsável pela liberdade sexual da mulher (LAGE, 2015). Os anticoncepcionais orais (ACO) atuam inibindo a ovulação, através da manutenção dos níveis de estrógeno e progesterona constante, os quais inibem a liberação dos hormônios hipofisários (LH e FSH), em um processo conhecido como “feedback”, que mantém os óvulos adormecidos. Além disso, altera o muco cervical, impedindo a implantação do óvulo no útero. A composição desses tipos de contraceptivos orais, em termos de proporção dos hormônios sintéticos estrógeno e progesterona, tem sido modificada, a fim de que as doses dos componentes hormonais sejam reduzidas, diminuindo seus efeitos colaterais (BORBA *et al.*, 2017). Estima-se que, no Brasil os anticoncepcionais hormonais sejam os mais utilizados pela população feminina, correspondendo a aproximadamente 27% das mulheres brasileiras (BORBA *et al.*, 2017). Essas mulheres buscam alguns benefícios como, por exemplo, planejamento familiar, diminuição da oleosidade, das acnes da pele e dos efeitos da tensão pré-menstrual e auxílio no tratamento de cistos e miomas. Apesar de trazer alguns benefícios, o uso dos contraceptivos hormonais, oferece alguns efeitos colaterais, já que o estrogênio faz com que o organismo apresente sintomas similares ao de uma gravidez ou ao período de lactação, causando sintomas leves, como náuseas, vômitos, vertigens, cefaleia, aumento de peso e apetite e hemorragias de escape, ou mais graves, como trombozes venosas. Mesmo mulheres sem

¹ WHO (World Health Organization). **The World Health Report 2000.** Health Systems: Improving Performance. Geneva: WHO, 2000.

antecedentes da doença ou com histórico da doença e não fumantes, há riscos em relação às doenças cardiovasculares. Por tanto, o uso de anticoncepcionais deve ser indicado por um médico especialista e seu acompanhamento é fundamental.

A eficácia das pílulas anticoncepcionais está associada ao uso correto do medicamento, sendo necessário iniciar o uso no dia correto, realizar o uso diário e em horários regulares (AMERICO *et al.*, 2013). Além disso, podem ocorrer possíveis associações medicamentosas, visto que fármacos, como antibióticos e anticonvulsivantes, tendem a inibir ou reduzir o efeito dos anticoncepcionais, podendo levar a uma gravidez indesejada, gravidez na adolescência, abortamentos ilegais e aumento na mortalidade materna (SOUZA, 2006).

Além dos métodos hormonais, existem outros métodos usados para o controle de natalidade e do planejamento familiar, tais como os métodos de barreira, o qual inclui a camisinha masculina e feminina e o diafragma, e os métodos comportamentais, que acontecem quando se faz abstinência sexual periódica ou o uso da tabela, popularmente chamada de tabelinha. Os métodos de barreira podem e devem ser praticados concomitantemente ao uso dos anticoncepcionais, oferecendo segurança contra infecções sexualmente transmissíveis (IST) e contra uma possível falha do método hormonal.

Deste modo o presente trabalho, buscou verificar o perfil das usuárias de anticoncepcional da Universidade São Francisco, avaliando aspectos como a escolha dos contraceptivos utilizados pelas alunas e funcionárias da universidade, o uso correto desses anticoncepcionais, a indicação do medicamento, o tempo de uso, os efeitos colaterais observados e a associação a outros métodos anticoncepcionais.

MATERIAIS E MÉTODO

Foi realizado um estudo descritivo de natureza prospectiva e exploratória com abordagem quantitativa de 112 mulheres na Universidade São Francisco, campus de Bragança Paulista. As alunas e funcionárias foram escolhidas aleatoriamente dentro da Universidade São Francisco. Os dados foram coletados a partir da aprovação do trabalho pelo Comitê de Ética Humana da Universidade, conforme às exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, com o CAAE número 75141317.5.0000.5514.

O estudo foi realizado exclusivamente dentro do campus de Bragança Paulista da Universidade São Francisco através da aplicação de um questionário, após breve explanação sobre o projeto e o consentimento das alunas bem como da solicitação de leitura, preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As participantes responderam o questionário dentro das salas de aula da universidade, durante os intervalos ou após o término das aulas. Os critérios de inclusão foram ser estudantes ou funcionárias da Universidade São Francisco, em idade fértil, que consumam ou tenham consumido contraceptivos orais (hormonais) em algum momento da vida. Os critérios de exclusão foram mulheres que não tenham consumido anticoncepcionais ou que tenham consumido por um período inferior a cinco meses.

Para a elaboração do questionário, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre anticoncepcionais, seus tipos e usos, possíveis interações medicamentosas e efeitos colaterais. O questionário contava com 28 questões objetivas, abrangendo idade, número de filhos, métodos contraceptivos utilizados, tempo de uso do anticoncepcional, conhecimentos sobre administração correta, periodicidade e horários diários de administração do anticoncepcional, conhecimento sobre como proceder em caso de esquecimento, indicação e acompanhamento médicos. Além disso, perguntas foram feitas para verificar interações medicamentosas, associação a outros métodos contraceptivos e fatores de risco para o uso do medicamento.

3. RESULTADOS

O questionário foi aplicado a 112 alunas e funcionárias da Universidade São Francisco, campus de Bragança Paulista, que fazem tratamento com anticoncepcionais oral ou que já o fizeram. Os dados sócio-demográficos, com informações sobre idade, raça, estado civil, número de filhos e escolaridade, dessas entrevistadas estão descritos na tabela 1.

Tabela I. Características sociodemográficas das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco.

	Número
Mulheres	112
Idade	
18 a 22	64
23 a 28	31
29 a 34	12
maior de 35	04
Não informado	01
Raça	
Branca	91
Negra	06
Parda	15
Estado civil	
Solteira	99
Casada	10
Divorciada	03
Filhos	
0	104
1 a 2	07
3 a 5	01
Escolaridade	
Diploma universitário	04
Faculdade incompleto	108

A idade das participantes variou entre 18 aos 43 anos, com média de 23,31 anos e mediana da idade foi de 22 anos, indicando que a maioria das pessoas entrevistadas são jovens (Figura 1).

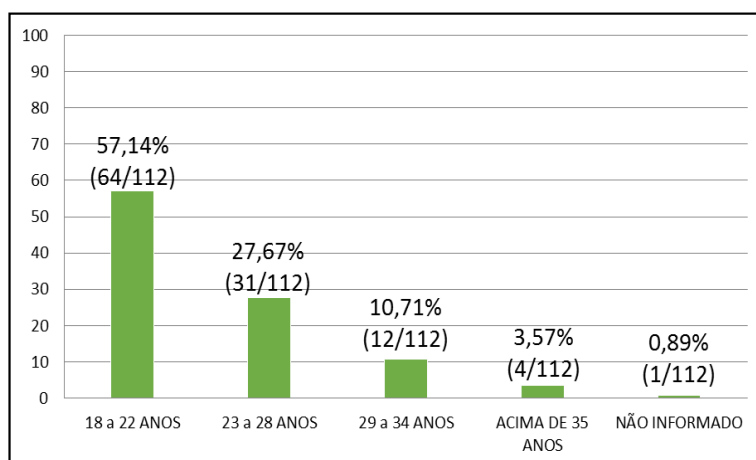


Figura 1. Porcentagens das usuárias de anticoncepcional, entrevistadas na Universidade São Francisco, de acordo com faixas etárias.

Em relação ao tipo de anticoncepcional escolhido para o tratamento, a maioria das mulheres utilizam os comprimidos orais 94,64% (106/112), enquanto 5,36% (6/112) utilizavam os anticoncepcionais injetáveis. Nesta pesquisa, não houve participantes que utilizassem os adesivos ou implantes anticoncepcionais (Figura 2).

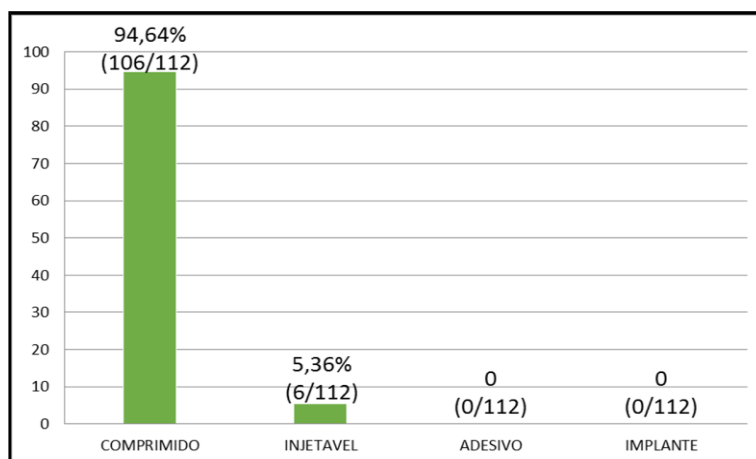


Figura 2. Porcentagem das usuárias de anticoncepcional, entrevistadas na Universidade São Francisco, que relatam o tipo do contraceptivo escolhido para o tratamento.

Quanto a indicação da administração dos anticoncepcionais orais, 91,5% (97/106) das entrevistadas, relataram que o fármaco foi prescrito por um médico ginecologista, enquanto que 8,49% (9/106) não procuraram um profissional antes do início do tratamento. Em relação

aos motivos para o uso, para 8,49% (9/106) a indicação foi destinada ao tratamento de cistos e miomas, para 14,15% (15/106) a diminuição de cólicas menstruais, para 16,03% (18/106) o controle hormonal, para 38,67% (41/106) a prevenção da gravidez indesejada, para 0,94% (1/106) a regulação o fluxo menstrual. Interessantemente, 21,67% (25/106) das participantes relataram ter iniciado o tratamento devido a mais de um motivo (Figura 3).

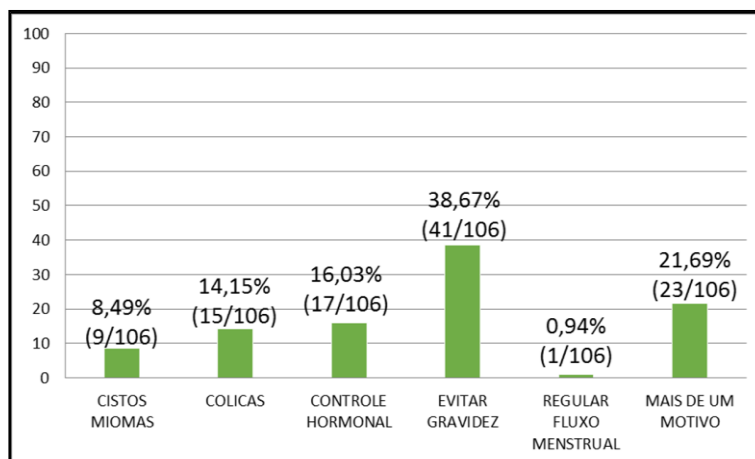


Figura 3. Porcentagem das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, referente aos motivos apresentados para o início do tratamento com anticoncepcionais orais.

Sobre a frequência das consultas ginecológicas, 1,88% (2/106) das entrevistadas nunca procuraram um ginecologista, enquanto que a grande maioria, 91,5% (97/106), informou que fazem consultas anuais. (Figura 4).

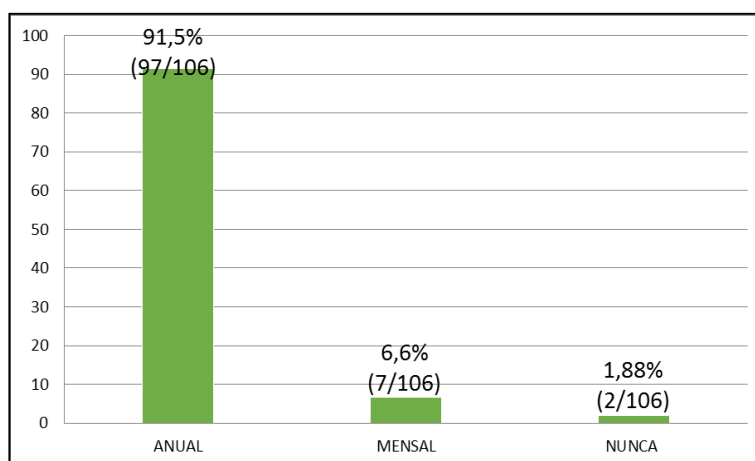


Figura 4. Número das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que fazem ou não consultas a um médico ginecologista e a frequência.

Apesar da indicação de uso do anticoncepcional oral, atualmente 84,9% (90/106) das entrevistadas fazem a administração do fármaco enquanto que 15,09% (16/106) interromperam o tratamento após, no mínimo, cinco meses de uso (Figura 5).

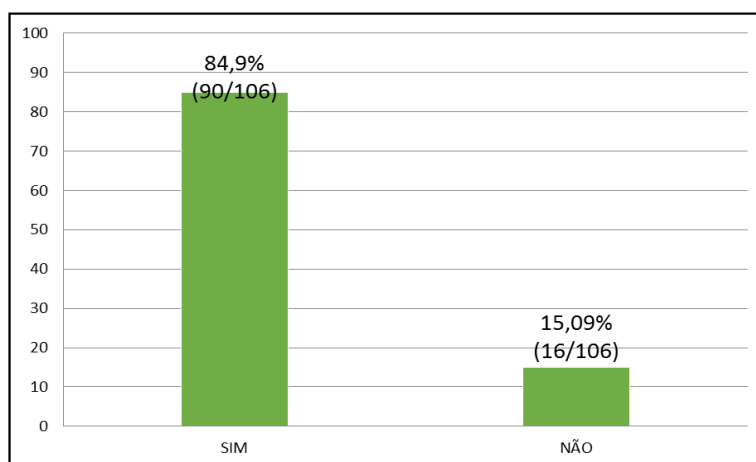


Figura 5. Porcentagens das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco que, atualmente, fazem ou não o consumo desse medicamento.

Os motivos relatados para a interrupção do tratamento foram os efeitos colaterais decorrente do uso diário dos anticoncepcionais (23%; 3/13), possíveis riscos de desenvolver doenças tromboembolíticas (23%; 3/13), indicação do médico ginecologista (23%; 3/13), desejo de engravidar (8%; 1/13). Além disso, algumas entrevistadas alegaram (23%; 3/13) outras razões, tais como divórcio, abstinência sexual e redução da quantidade de hormônios sintéticos ingeridos em virtude da composição dos comprimidos (Figura 6).

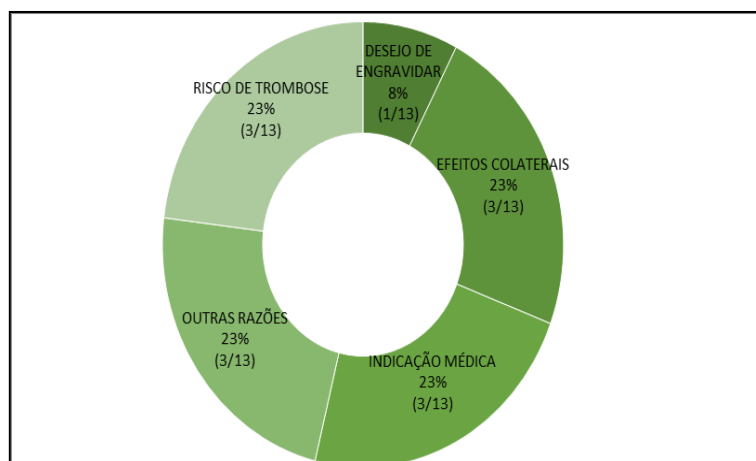


Figura 6. Número das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que interromperam o uso desses contraceptivos hormonais e os motivos alegados.

Cerca de 11,32% (12/106) das entrevistas iniciaram o tratamento com anticoncepcional oral a menos de ano, 51,88% (55/106) em um período de 1 a 5 anos e 36,79% (39/106) por mais de cinco anos (Figura 7).

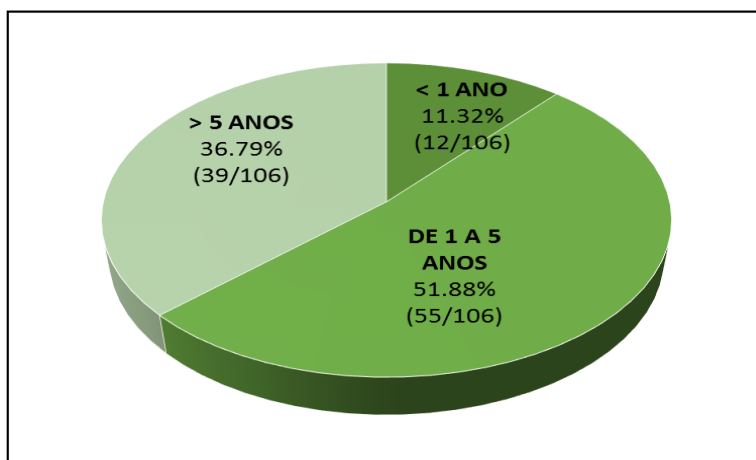


Figura 7. Porcentagens das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco referente ao período de início do tratamento com esses medicamentos.

Quando questionadas sobre a administração adequada dos anticoncepcionais orais, 97,16% (103/106) das mulheres alegaram conhecer a maneira correta de administrar o medicamento (Figura 8). Interessantemente, dessas mulheres, 86,79% (92/106) disseram já ter realizado a leitura da bula dos contraceptivos hormonais para orientações.

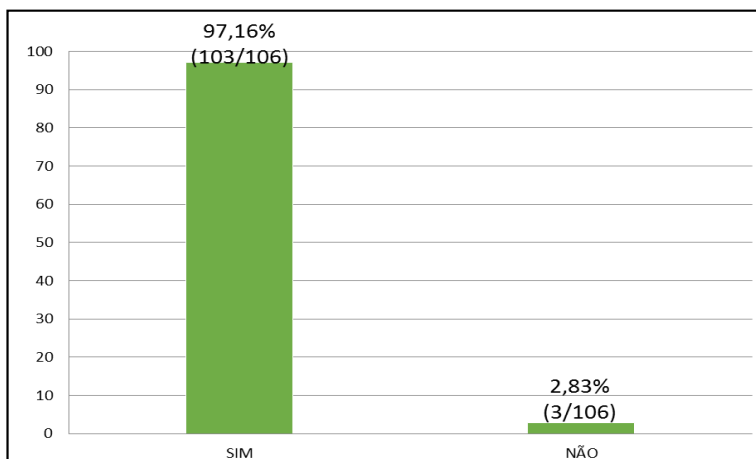


Figura 8. Porcentagens das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que relataram ter conhecimento sobre o uso adequado desse medicamento.

Em relação a periodicidade da administração oral do anticoncepcional, 84,9% (90/106) das entrevistas disseram administrar o medicamento diariamente e 15,09% (16/106) disseram que não faziam a administração diária (Figura 9).

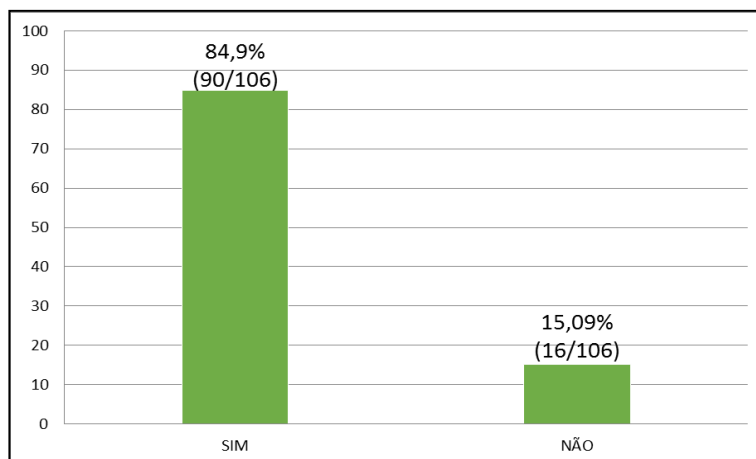


Figura 9. Porcentagens das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que realizam ou não o consumo diário desse medicamento.

Além disso, das entrevistadas que administravam o anticoncepcional diariamente, 72,64% (77/106) afirmaram consumir no mesmo horário e 27,35% (29/106) tomavam o medicamento aleatoriamente (Figura 10).

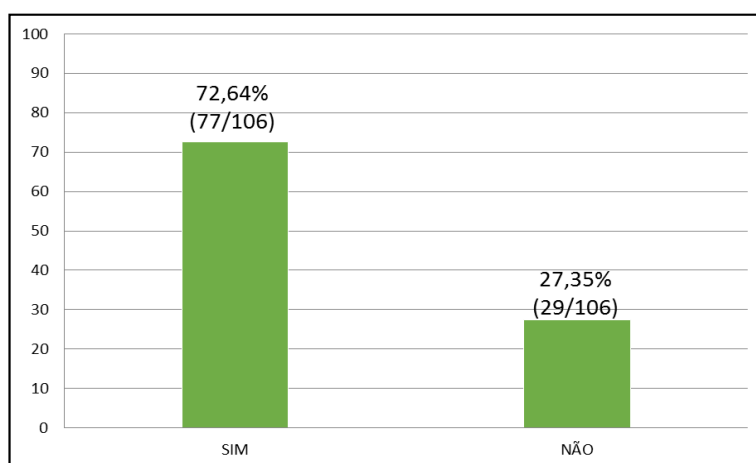


Figura 10. Porcentagens das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que realizam ou não o consumo diário no mesmo horário desse medicamento.

Quanto a administração diária, 19,81% (21/106) relataram nunca ter esquecido de consumir medicamento diariamente e 80,18% (85/106) disseram já ter esquecido de administrar o anticoncepcional algum dia (Figura 11).

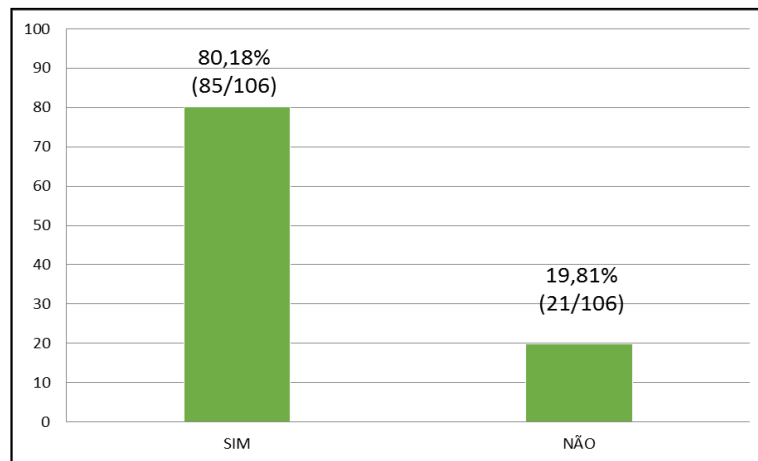


Figura 11. Porcentagens das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que esqueceram ou não da administração diária desse medicamento.

Em caso de esquecimento de consumo diário do anticoncepcional oral, 40% (34/85) administraram assim que lembraram, 20% (17/85) administraram com o próximo comprimido, e 25% (21/85) continuaram a cartela, 5% (4/85) administraram no dia seguinte, 1% (1/85) interromperam a cartela e 9% (8/85) não responderam ao questionamento (Figura 12).

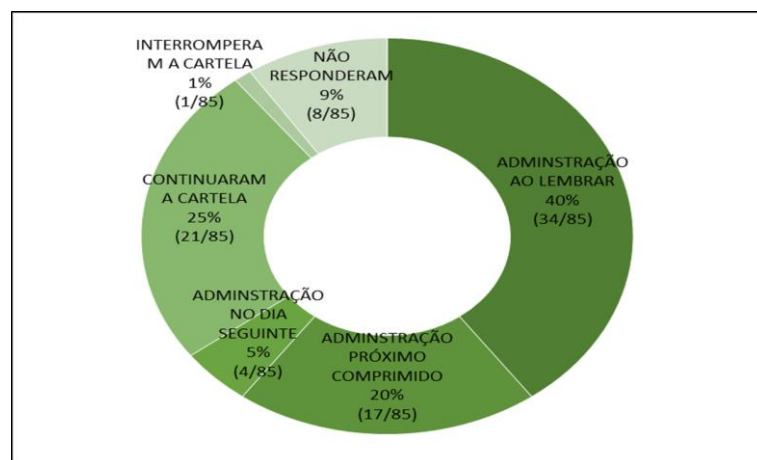


Figura 12. Número e porcentagens das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que alegam ter esquecido de administrar diariamente esse medicamento e as principais atitudes que foram adotadas após esse esquecimento.

Em relação a associação medicamentosa, 81,13% (86/106) das participantes da pesquisa descreveram não fazer a administração de outros fármacos concomitante ao uso do anticoncepcional. Enquanto que 18,86% (20/106) relataram utilizar algum tipo de

medicamento associado aos contraceptivos orais, sendo os principais antidepressivos e medicamentos para reposição hormonal (Figura 13).

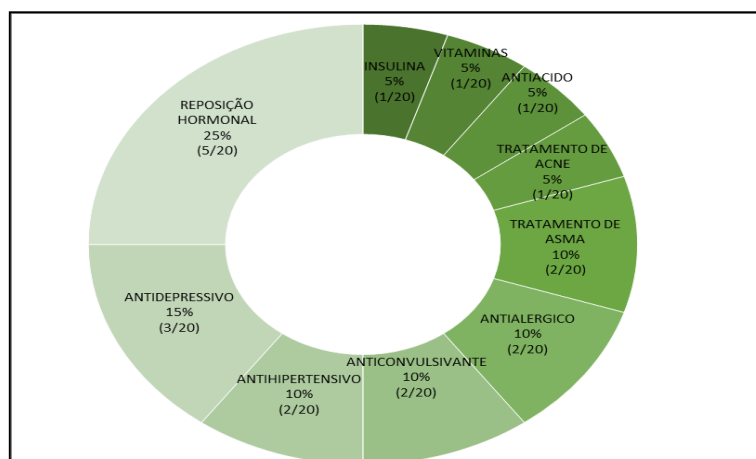


Figura 13. Porcentagem e numero das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que administram outros medicamentos em associação ao anticoncepcional.

Além disso, ao serem questionadas sobre a interação medicamentosa entre anticoncepcionais orais e antibioticos e/ou anticonvulsivantes, 88,67% (94/106) alegaram saber que o uso combinado de tais fármacos pode ocasionar na diminuição do efeito dos anticoncepcionais (Figura 14).

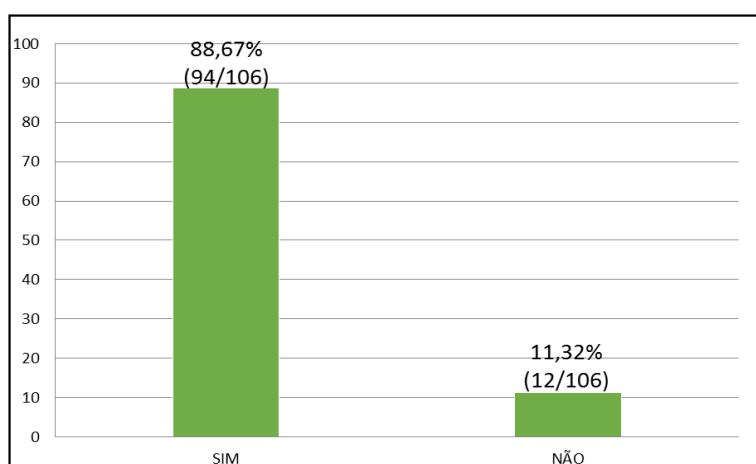


Figura 14. Porcentagem das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que possuem conhecimento em relação as interações medicamentosas envolvendo o uso de anticoncepcionais, antibioticos e/ou anticonvulsivantes pelas.

Cerca de 32,07% (34/106) das entrevistadas relataram ter sentido efeitos adversos com o uso de anticoncepcional oral. O efeito mais observado foi a náusea, relatada por (38,88% ;13/34). Além deste, foram descritos efeitos como aumento de peso (6%; 2/34), aumento de

fluxo menstrual (9%; 3/34), cefaleia (15%; 5/34), dormência nos membros superiores e inferiores (3%; 1/34) e urticaria (3%; 1/34) e mais de um feito colateral (26%; 9/34) (Figura 15).

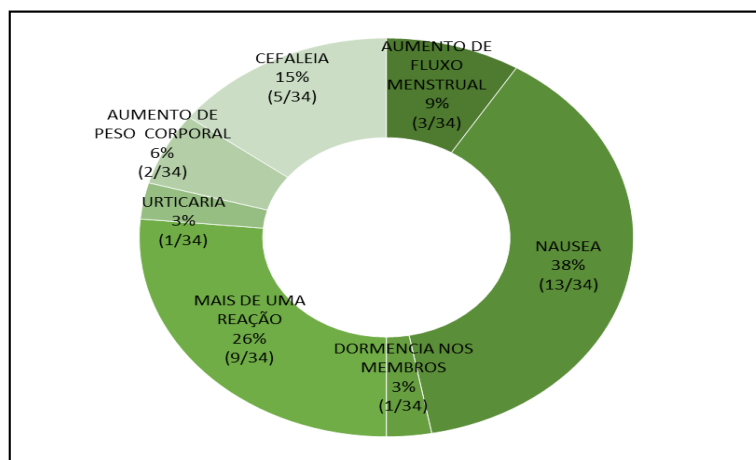


Figura 15. Porcentagem e número das usuárias de anticoncepcional, entrevistadas na Universidade São Francisco, que descreveram ter sentido reações adversas com o uso desse medicamento.

Além dos efeitos adversos, foram relatadas observações quanto a alteração corporal e ao fluxo menstrual simultâneo ao uso dos anticoncepcionais orais. Sobre as alterações corporais, 50% (53/106) das participantes observaram mudanças corporais, tais como ganho de peso e diminuição das acnes. Apesar de alterações no ciclo menstrual, 64,15% (68/106) constatarem mudanças, como a regularização e a diminuição da intensidade do fluxo menstrual. Em virtude das alterações corporais e efeitos colaterais, 55,66% (59/106) das entrevistadas alegaram ter sido necessária alteração da composição da pílula utilizada, pelo menos uma vez.

Quanto aos fatores que predispõem a doenças tromboembólicas, 43,39% (46/106) das entrevistadas afirmaram ter um histórico familiar de doenças vasculares, 37,73% (40/106) não possuíam qualquer histórico e 18,86% (20/106) desconheciam esta informação (Figura 16).

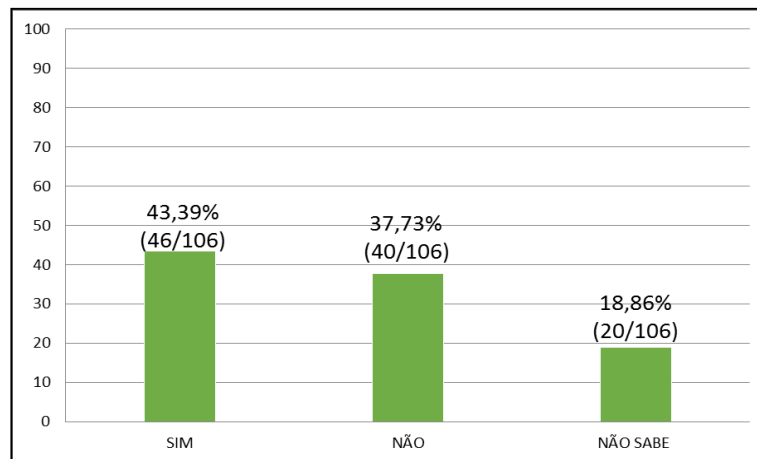


Figura 16. Número e porcentagem das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que possuem ou não e que desconhecem o histórico de doenças vasculares na sua família.

Em relação a associação de outros métodos contraceptivos ao uso do anticoncepcional oral, verificou-se que, entre as (90/106) mulheres que atualmente fazem o uso da pílula, 53,33% (48/90) das mulheres utilizavam apenas o anticoncepcional e 46,66% (42/90) delas administravam dois ou mais métodos simultaneamente (Figura 17).

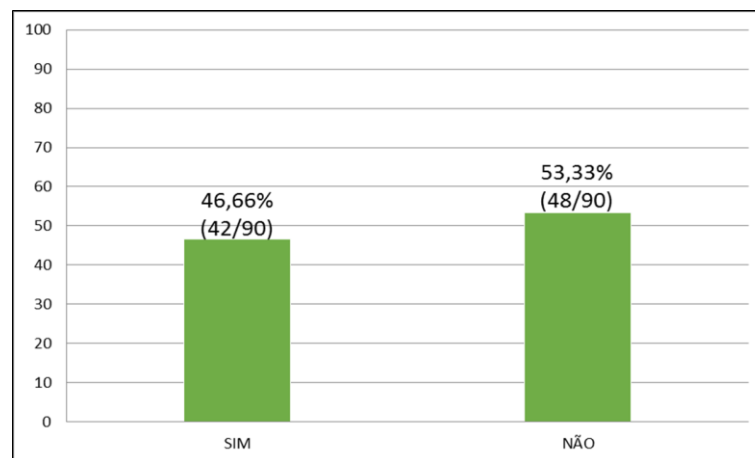


Figura 17. Porcentagem das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que utilizam outros métodos contraceptivos associados ao uso desse medicamento.

Entre as 42 mulheres que utilizavam dois ou mais métodos simultaneamente, 84,61% (33/39) disseram associar o anticoncepcional oral com preservativo masculino, 10,2% (4/39) ao preservativo masculino e/ou ao coito interrompido, 2,56% (1/39) ao coito interrompido apenas e 2,56% (1/39) à tabela e ao uso da pílula (Figura 18).

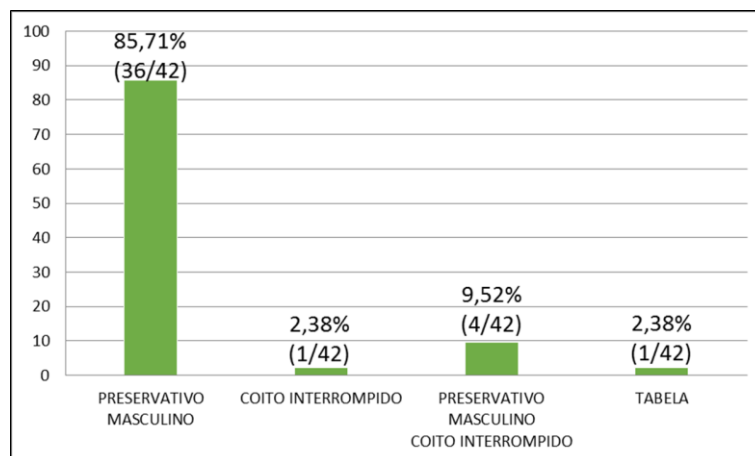


Figura 18. Porcentagem das usuárias de anticoncepcional, entrevistadas na Universidade São Francisco, que utilizam outros métodos contraceptivos associados ao uso desse medicamento e quais os tipos escolhidos para a associação.

Quando questionadas sobre a prática regular de exercícios, 66,98% (71/106) disseram não se exercitar frequentemente, e 33,01% (35/106) praticam atividades físicas regularmente (Figura 19).

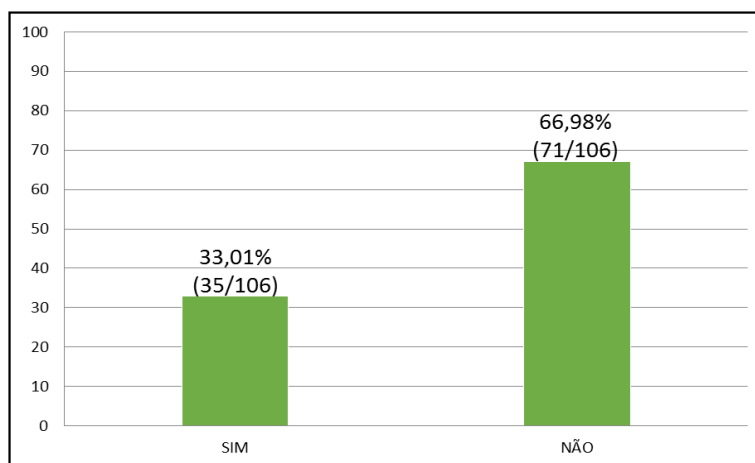


Figura 19. Número e porcentagem das usuárias de anticoncepcional, entrevistadas na Universidade São Francisco, que realizam ou não a prática de exercício físico diário.

Interessantemente, quando questionadas sobre o uso de tabaco (tabagismo), 1,88% (2/106) das entrevistadas disseram que possuem o hábito de fumar, enquanto que 98,11% (104/106) afirmaram não serem tabagistas (Figura 20).

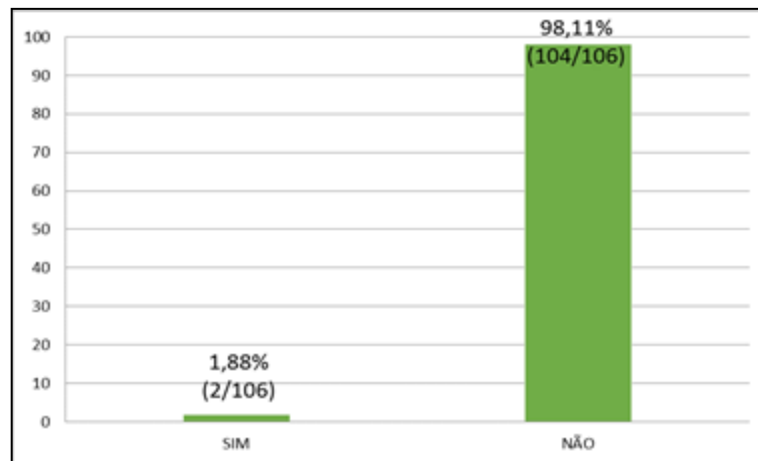


Figura 20. Porcentagem das usuárias de anticoncepcional oral, entrevistadas na Universidade São Francisco, que fazem ou não o consumo diário de tabaco.

DISCUSSÃO

Os contraceptivos orais correspondem à comprimidos em cartela, que podem ser formulados com hormônios sintéticos estrógeno e progesterona, e à minipílula, que contém apenas progesterona em sua composição. O mecanismo de ação desses medicamentos é através do bloqueio da ovulação com a consequente manutenção da biodisponibilidade dos hormônios ovarianos e da indução do revestimento do útero (LUPÍÃO 2011).

Os anticoncepcionais orais são escolha de grande parte das mulheres no mundo como método contraceptivo e de planejamento familiar. Contudo, seu uso correto e o conhecimento sobre seus mecanismos de ação e de possíveis interferências são de fundamental importância para as usuárias.

Em nossa pesquisa, após entrevista de alunas e funcionárias da Universidade São Francisco, campus de Bragança Paulista, foi observada que a formulação mais utilizada de anticoncepcionais foi o comprimido (94,64%), em relação aos injetáveis. Essas pessoas relataram conhecer a maneira apropriada de consumir os contraceptivos orais, tendo lido a bula desses medicamentos para orientação. Apesar disso, grande parte delas não o administrava diariamente e em horários regulares. Dados do Ministério da Saúde comprovam que a utilização incorreta da pílula anticoncepcional tem acarretado em um aumento no número de gestações não planejadas e, em consequência disso, elevado as taxas de aborto induzido (ALMEIDA *et al.* 2017). Uma das participantes disse ter engravidado mesmo utilizando a pílula anticoncepcional. De acordo com Moreira, os anticoncepcionais orais apresentam um índice de falha de 0,1 a 3% (Moreira, 2011).

Das entrevistadas em nossa pesquisa, grande parte era constituída de jovem (entre 18 e 22 anos) que utilizava o anticoncepcional oral com a finalidade de planejamento familiar, para evitar gestações indesejadas, além do tratamento de distúrbios hormonais, do ciclo menstrual e do controle de cistos e miomas.

Uma grande porcentagem (91,96%) de mulheres administrava os anticoncepcionais orais receitados pelo médico ginecologista, assegurando uma melhor adequação e indicação do medicamento escolhido. Além disso, essas mulheres realizavam consultas anuais a esses profissionais, prática fundamental para garantir a eficácia e a segurança em relação ao seu uso bem como prevenir possíveis doenças. Dados semelhantes em relação a prescrição médica foram descritos por Borba e colaboradores em uma pesquisa envolvendo 277 mulheres. Todavia, segundo Silva, os anticoncepcionais correspondem a uma das classes de medicamentos mais utilizados sem prescrição médica e como automedicação (Silva *et al.*, 2005).

Uma pequena parcela de entrevistadas interrompeu o uso do fármaco devido aos efeitos adversos, tais como náuseas e cefaleia, e ao risco de desenvolvimento de doenças tromboembolíticas. Além disso, observaram alterações no ciclo menstrual, como a diminuição do fluxo e no número de dias de menstruação, e alterações corporais, tais como ganho de peso e diminuição das acnes. Buscando diminuir esses efeitos adversos e/ou colaterais dos anticoncepcionais orais, muitas participantes substituíram o fármaco utilizado por outro, pelo menos uma vez. Borba e colaboradores verificaram que, entre usuárias de anticoncepcionais, o principal motivo para a não utilização era o receio quanto aos efeitos adversos e, entre eles, a trombose venosa profunda. Interessantemente, segundo informações de Almeida, o uso de métodos contraceptivos hormonais por períodos prolongados, (acima de 12 anos), podem aumentar os riscos de desenvolvimento de adenocarcinoma *in situ* do colo uterino (ALMEIDA, *et al.* 2017).

A prática de exercício diário e o não consumo de tabaco podem auxiliar na redução dos efeitos adversos e/ou colaterais dos anticoncepcionais orais. O hábito de fumar em mulheres acima dos 35 anos é uma das maiores contraindicações para o uso desses medicamentos, pois o tabagismo constitui um dos maiores fatores de risco para o desenvolvimento de trombozes venosas, embolias, infartos do miocárdio e acidentes vascular encefálico, os quais estão relacionados aos anticoncepcionais (Brandt *et al.*, 2016)

É importante ressaltar que as pessoas que não utilizam outros métodos contraceptivos associados aos anticoncepcionais estão mais suscetíveis a infecções sexualmente transmissíveis, já que os preservativos oferecem proteção contra a infecções contraídas através do contato entre mucosas nas relações sexuais (Alves *et al.*, 2008). Ademais, um aumento nos casos de infecções sexualmente transmissíveis em jovens com idades inferior a 25 anos tem ocorrido atualmente, sendo as mulheres mais suscetíveis ao desenvolvimento dessas doenças, uma vez que não apresentam sintomas. Portanto, o uso de preservativos é uma estratégia para o controle e redução de infecções transmitidas através de contato sexual (Bottega, *et al.*, 2016).

CONCLUSÃO:

Através do trabalho desenvolvido na Universidade São Francisco, foi possível observar que as mulheres usuárias de anticoncepcional consumiam a pílula como método contraceptivo, mas não exclusivamente para este fim. Todavia, muitas não utilizam métodos de barreiras associados, aumentando a probabilidade de contraírem infecções sexualmente transmissíveis. Apesar dos conhecimentos observados quanto a interação medicamentosa e ao uso correto dos anticoncepcionais, a administração era deficiente no que diz respeito ao uso diário e no mesmo horário, o que pode comprometer a eficácia do medicamento. Dessa forma, ressalta-se a importância da orientação médica na escolha e acompanhamento do tratamento com os contraceptivos hormonais a fim de evitar falhas e riscos.

Por tanto, a conscientização através de campanhas, principalmente em ambientes universitários, quanto ao uso correto dos anticoncepcionais é necessária bem como o incentivo da utilização de contraceptivos de barreira associados a pílula, a fim de diminuir ou impedir o contágio por infecções sexualmente transmissíveis. Além disso, uma forma de informar e auxiliar a administração correta desses medicamentos corresponde a divulgação de aplicativos destinados a lembrar diariamente do horário de administração da pílula para jovens, contribuindo para o consumo adequado dos anticoncepcionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.P.F, et al. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. Disponível em: < <http://www.cpgls.pucgoias.edu.br/6mostra/artigos/BIOLOGICAS/RAQUEL%20BORGES%20DE%20SOUZA.pdf>>.

ALVES, A. S, et al. Uso de métodos anticoncepcionais entre adolescentes universitários. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>.

AMÉRICO, C.F.; NOGUEIRA P.S.F.; VIEIRA, R.P.R.; BEZERRA, C.G.; MOURA, E.R.F.; LOPES, M.V.O.L. Conhecimento de usuárias de anticoncepcional oral combinado de baixa dose sobre o método. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.21, n.4, jul./ago., 2013.

AMÉRICO, C.F. **Perfil de uso de anticoncepcionais orais combinados de baixa dose e fatores associados**. 2010. 114f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE.

BOTTEGA, A, et al. Abordagem das doenças sexualmente transmissíveis na adolescência. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/revistasauade/article/download/21481/pdf>>.

BRANDT, G.P, et al. Conhecimento das usuárias de anticoncepcionais orais acerca de hábitos e interações medicamentosas em uma unidade básica de saúde. Disponível em:< <http://revistas.ufpr.br/academica/article/view/50667>>.

BAHAMONDES, L, et al. Contracepção hormonal e anti-retrovirais em mulheres infectadas pelo HIV. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v28n11/a08v2811.pdf>>.

BRASIL, Direitos sexuais e direitos reprodutivos. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_direitos_sexuais_reprodutivos.pdf>.

BORBA, C R, et al. Perfil do uso de métodos anticoncepcionais entre as estudantes dos cursos da área da saúde na Universidade Federal do Tocantins do campus universitário de Palmas. Disponível em: < <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/1641>>.

CORREA, D A S, *et al.* Fatores associados ao uso contraindicado de contraceptivos orais no Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v51/pt_0034-8910-rsp-S1518-87872017051006113.pdf>.

LAGE, A. Como a pílula anticoncepcional moldou o mundo em que vivemos hoje. **Galileu**. 25 de maio de 2015. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/05/55-anos-da-pilula-anticoncepcional-como-ela-moldou-o-mundo-em-que-vivemos-hoje.html>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

LUPIÃO, A.C. Métodos anticoncepcionais: revisão. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/45231470/Ciclo_menstrual_e_pilula_do_dia_seguinte.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1503360313&Signature=FvfEHDj0sAVSXqy7FeqD%2FQ5VJHI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DMetodos_anticoncepcionais_revisao.pdf>.

MOREIRA, L.M.A. Métodos contraceptivos e suas características. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/7z56d/pdf/moreira-9788523211578-12.pdf>>.

POLI, M.H. A anticoncepção como instrumento do planejamento familiar e da saúde. **Scientia Medica**, Porto Alegre: PUCRS, v.16, n.4, out./dez., 2006. Disponível em: <<http://pesquis a.bvsalud.org/bvsvs/resource/pt/lil-479789?lang=en>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

SILVA, P. Farmacologia. 8ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

SOUZA, R.B.; ANDRADE, F.A. Efeitos do uso prolongado de contraceptivos hormonais. (s.d.) Disponível em: <<http://www.cpgls.pucgoias.edu.br/6mostra/artigos/BIOLOGICAS/RAQUEL%20BORGES%20DE%20SOUZA.pdf>>.